

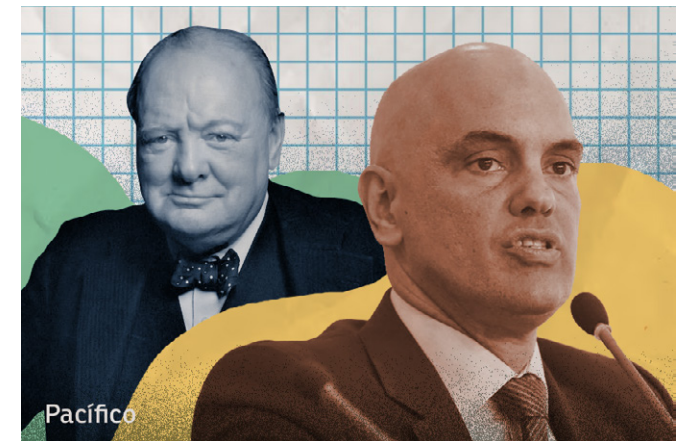
Editor: Carlos Alexandre de Souza
carlosalexandre.df@dabr.com.br
3214-1292 / 1104 (Brasil/Política)

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



O velho Churchill inspira Alexandre de Moraes

Cinco Dias Em Londres (Jorge Zahar Editor), de John Lukacs, narra os bastidores do governo britânico entre 24 e 28 de maio de 1940, dias que decidiram o destino da Inglaterra e a sorte dos Aliados na Segunda Guerra Mundial. No decorrer da crise política que se instalou no gabinete do ministro Neville Chamberlain, sob a liderança de Winston Churchill, o Gabinete da Guerra decidiu que a Inglaterra não assinaria nenhum acordo de paz com Hitler, derrotando a tese de Lord Halifax, o ministro de Relações Exteriores, que negociava um acordo de paz da Inglaterra com a Alemanha.

Desde a invasão da Boêmia e da Morávia, 15 de março de 1939, pelas tropas alemãs, o então chanceler britânico buscava um acordo. A antiga Tchecoslováquia, recém-unificada, não fora capaz de resistir ao avanço alemão, sendo ocupada durante seis anos. "Lord Halifax expressou o desejo do povo britânico de um entendimento sincero e leal com a Alemanha", publicou o antigo O Jornal, então o porta-voz dos Diários Associados, em 9 de junho de 1939, no Rio de Janeiro. Menos de um ano depois, Neville Chamberlain perderia o cargo de primeiro-ministro.

John Lukacs conta em detalhes o colapso do gabinete liderado por Chamberlain. Íntegro e respeitado, Churchill era considerado velho para a tarefa que lhe era pedida, enfrenta a desconfiança do governo, do presidente norte-americano Franklin D. Roosevelt e do próprio povo inglês. Além disso, bebia muito. E havia o temor da queda da França, única aliada da Inglaterra na Europa, que acabaria mesmo invadida por Hitler.

Foram cinco dias dramáticos. O próprio Adolf Hitler não acreditava em sua sorte ao combater os ingleses e ordenou uma trégua de dois dias em sua marcha para o litoral. Nesse ínterim, Halifax tentou se aproximar de Mussolini através do embaixador italiano Bastianini; Pétaíns e Weygang, heróis franceses da Primeira Guerra Mundial, desistiram de lutar contra o Exército alemão. A rendição da Bélgica alarmou ainda mais a Inglaterra.

Mesmo assim, no dia histórico de 28 de maio de 1940, uma terça-feira, Churchill decidiu não assinar acordo algum com Hitler e lutar até o fim para defender a Inglaterra e os Aliados. Foi uma decisão muito difícil, porque os ingleses estavam encurralados em Dunquerque. Lukacs explica a importância do fato de Churchill ter mantido suas tropas no litoral, uma decisão muito impopular, mas que resultou no atraso das tropas alemãs, o que seria fundamental para a vitória dos Aliados em 1945, apesar da retirada dramática que se seguiu.

Apaziguamento

O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes se inspirou nesse episódio para definir sua postura em relação aos envolvidos na tentativa de golpe de Estado de 8 de janeiro. O fato de quase 1400 envolvidos nas invasões do Palácio do Planalto, do Congresso Nacional e do Supremo já terem sido denunciados e o avanço das investigações para identificar seus mandantes, nas quais o ex-ministro da Justiça Anderson Torres está muito enrolado, confirmam o que Moraes prometeu na abertura dos trabalhos do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), em fevereiro passado.

"A democracia não suportará mais a ignóbil política de apaziguamento, de 'deixa pra lá', de 'vamos aceitar que eles podem melhorar'. Essa política fracassada de apaziguamento já foi amplamente afastada na histórica tentativa de acordo de Chamberlain com Hitler", disse Moraes. Era uma referência a postura de Chamberlain em relação à Hitler em 1938, que permitiu a anexação da região dos Sudetos, pela Alemanha e, depois, o avanço nazista sobre a Polônia. Com isso, a Segunda Guerra Mundial se tornaria inevitável. Segundo Moraes, todos os envolvidos nos atos de vandalismo de 8 de janeiro serão investigados e, se responsabilizados, devidamente punidos, não só por vandalismo, mas também pela instigação ou conivência com o golpismo, como já está acontecendo com mais de mil pessoas presas no acampamento defronte ao quartel-general do Exército. Pelo risco que o Brasil correu, Alexandre avisou que não haverá negociação com criminosos, terroristas e golpistas e resgatou a fase famosa de Churchill: "O apaziguador alimenta o crocodilo esperando ser o último a ser devorado".

Sua posição continua duríssima: "Todos os envolvidos serão responsabilizados civil, política e criminalmente. Inclusive pela dolosa instigação ou conivência, por ação ou omissão motivada por ideologia, dinheiro, fraqueza, covardia, ignorância, má-fé ou mau-caratismo". Para Moraes, "a defesa da democracia e das instituições é inegociável. Muito mais do que um compromisso, essa defesa é razão de existência da Justiça Eleitoral", alertou.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Tem três palavras que eu considero as coisas mágicas na economia: estabilidade, credibilidade e previsibilidade. Se a gente conseguir estabelecer o funcionamento dessas três palavras, a economia volta a crescer como cresceu no período em que eu fui presidente da República."

Novo ministro do STF

"Tem muita gente precipitada. Quem escolhe sou eu e não estou preocupado. Lamento que o ministro Ricardo Lewandowski tenha completado 75 anos e tenha que se aposentar. Mas o sucessor será escolhido por mim, no momento em que eu achar que deva fazer. Não adianta as pessoas ficarem plantando nome, tentando vender candidato pela imprensa. Não é assim que se escolhe ministro da Suprema Corte. Tem mais gente do que quando eu tive de escolher há 13 anos. Não tenho pressa. O critério de escolha, da forma que vai ser escolhida, será feito por mim. E o nome que eu indicar certamente será um nome que irá fazer justiça ao povo brasileiro. Jamais indicarei ministro da Suprema Corte por conta de precisar dele para algum favor. Ministro tem que ser uma pessoa que leve em conta a Constituição e que não dê o voto dele pela imprensa, e sim nos autos do processo.

Vaga de Rosa Weber

Não vou criar um compromisso que não quero criar. Vou indicar (para a vaga) uma pessoa altamente gabaritada, que conheça a realidade deste país. Tem que ter uma compreensão dos problemas sociais, da realidade e o mínimo de sensibilidade social para assumir uma posição dessas, que é de muita responsabilidade. Não vou indicar ninguém pensando num futuro problema do presidente da República.

Relação com o Congresso

"Quando a gente está num cargo como esse, tem que ter muito equilíbrio. Até hoje não senti nenhuma dificuldade com o Congresso Nacional. Eu não era presidente e conseguimos aprovar a PEC que era difícil de ser aprovada. Vejo aí uma divergência entre o presidente do Senado (Rodrigo Pacheco) e o presidente da Câmara (Arthur Lira), quem pode mais, quem pode menos. Conversei com eles e tenho certeza de que irão se colocar de acordo com o que precisa ser votado. O país não pode ficar parado.

Troca de ministro

Não haverá troca de ministro, a não ser que haja uma coisa importante com esse ministro. Estou muito tranquilo com a construção que fizemos. É muito difícil pensar num sistema de coalizão política com o mundo

e partidos políticos que temos. Não senti nenhuma dificuldade. Vamos esperar a primeira votação de interesse do governo. Por exemplo, a política tributária, que é um teste para o Brasil e um teste para o governo. E vamos ver o que vai acontecer. Tenho certeza de que será aprovada a política tributária que vai resolver, em parte, o problema da tributação nesse país, da mesma forma que vai ser aprovado o arcabouço fiscal.

Tragédia de Blumenau

Ontem passei um dos piores dias da minha vida. O que aconteceu em Blumenau não é humanamente explicável. Só pode ser coisa de alguém de um planeta diferente. Não pode ser humano. Não pode ser de alguém que tenha sentimento, que tenha um mínimo de sensibilidade. Aquilo que foi feito não faz parte do humanismo que aprendi a conhecer e praticar. Vamos tentar, a nível nacional, ver no que a gente consegue ajudar a guarda municipal, a guarda estadual para, de forma preventiva, evitar essas loucuras. E também buscar especialistas que possam nos explicar por que um ser humano pode ser tão perverso. Temos que resolver isso e não é tarefa para um governo, nem para um homem. É para a humanidade. O mundo está vivendo um clima perverso que não conhecíamos. Sou bisavô, tenho neto, não posso acreditar que alguém tem coragem de matar uma criança de três anos".

Novo ensino médio

"Não vamos revogar. O ministro da Educação, ao suspender, estava simplesmente cumprindo uma decisão da equipe

de transição. Foi suspenso para que se rediscuta com a sociedade brasileira e se chegue a um acordo sobre como aprimorar. O novo modelo do ensino médio é de 2017 e deveria ter entrado em vigor em 2022. Não entrou e, agora, será revisto antes de ser colocado em prática. O novo modelo prevê 60% de disciplinas obrigatórias e 40% de optativas, algo que provocou controvérsias no setor. Agora, será tudo rediscutido.

Política da Petrobras

Fui pego de surpresa com a discussão entre uma posição do ministro de Minas e Energia e uma suposta decisão da direção da Petrobras (Alexandre Silveira afirmou que a política do Preço de Paridade Internacional (PPI) é um "absurdo" e que esperava da empresa uma mudança a respeito). A política de preços da Petrobras será discutida pelo governo no momento em que o presidente da República convocar. Enquanto o presidente não convocar, a gente não vai mudar o que está funcionando hoje. Nós vamos mudar, mas com muito critério. Durante a campanha, eu disse que é preciso abrigar o preço da gasolina e do óleo diesel. O Brasil não tem por que estar submetido à PPI. Mas esse é um problema que nós vamos discutir no momento certo. Se houve divergência entre os dois (o ministro e a Petrobras), ela deixará de existir.

PIB

O crescimento industrial está muito pequeno. E o Brasil precisa investir e exportar manufaturados e ganhar mais mercado no plano internacional, para que a gente possa retomar o

protagonismo que o país já teve. Vou à China, a Abu Dhabi, a Portugal, à Espanha, ao Japão, e ainda à coroação de Rei Charles. Meu compromisso é como eu disse na reunião com os governadores. Fomos eleitos na mesma data: seremos lembrados pelas coisas que tivermos competência de fazer. Lembro que já tivemos sucesso e é possível voltarmos a ter sucesso. Se o Brasil estivesse bem, maravilhosamente bem, certamente eu não teria sido eleito. Só ganhei as eleições porque muita gente voltou na perspectiva de retomar a democracia e conseguir mais desenvolvimento econômico. Isso eu tenho na minha cabeça: não posso falhar. Não vou fracassar.

A volta de Bolsonaro

A volta de um ex-presidente da República ao seu país é algo que acontece em todos os países do mundo. Tenho consciência de que Bolsonaro tem pretensão de voltar a ser candidato a presidente da República. Voltou a acreditar tanto em política que se filiou ao PL. Já não discorda tanto da política como discordava para enganar a sociedade brasileira. Depois de 28 anos de mandato (de deputado), dizer que não era político era para enganar os incautos deste país. Bolsonaro, para fazer oposição, terá que responder aos processos que ele responde. Vai ter muitos processos contra Bolsonaro, porque ele cometeu muitos erros. E o mais grave, na minha opinião, não estar sendo sequer discutido, que foram as 700 mil vítimas da covid, das quais, pelo menos metade é da responsabilidade dele. Há muitos processos.

Bolsonaro e covid

Eu, como fui vítima nesse país, defendo o direito à presunção de inocência. Ele (Bolsonaro) tem direito de se defender e de ser julgado corretamente. Eu acho inclusive que ele pode correr o risco de ter um processo no exterior, porque o que ele fez com a covid não foi brincadeira. Negar a ciência como ele negou não é qualquer coisa. Portanto, ele vai pagar o preço dos erros que cometeu. Agora, ele está livre para fazer motocicleta. Ele imaginava que ia ter uma grande recepção, motocicletas. Como não tinha ninguém para pagar a gasolina, não tinha motocicleta. Fica mais difícil. Ele também vai fazer a experiência que nunca fez. Vamos ver o que vai acontecer. Meu papel não é ficar preocupado com o que ele vai fazer. Meu papel é ficar preocupado com o que eu tenho que fazer.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Denise Rothenburg no café com o presidente: 1h20 de entrevista